

Cultura e etnicidade: a reconstrução da italianidade em uma comunidade da Serra Gaúcha¹

Rita Lourdes Michelin²

Resumo

Sabendo que a etnicidade, assim como a cultura, é dinâmica, busca-se, no presente artigo, analisar o processo de reconstrução da etnicidade italiana da comunidade do Distrito de São Pedro – Bento Gonçalves/RS, através do Projeto Cultural Caminhos de Pedra. A análise deste processo ocorreu sob um olhar antropológico, tendo como metodologia de pesquisa a etnografia com observação participante, objetivando compreender as interferências tanto internas quanto externas que afetam a etnicidade de um determinado grupo social.

Palavras - chave: Cultura; etnicidade; italianidade; Caminhos de Pedra/RS.

Introdução

O presente artigo fundamenta-se na pesquisa de mestrado na qual foi estudado o processo de reconstrução da etnicidade em um determinado grupo social, para tal utilizou-se como metodologia a etnografia e observação participante. De acordo com Laplantine (2005), a pesquisa etnográfica passa a existir pela necessidade dos pesquisadores antropólogos saírem de seus gabinetes buscando coletar pessoalmente as informações necessárias das sociedades estudadas inserindo-se nessas e não apenas observando superficialmente.

Na etnografia o pesquisador deve buscar compreender o indivíduo dentro da sua sociedade e do seu ponto de vista. Essa trata do mapeamento da cultura, por esse motivo, “[...] no campo *tudo* deveria ser anotado meticulosamente e que um costume só tem significado se estiver relacionado ao seu contexto particular” (GOLDENBERG, 1999, p. 21). Dessa forma, para realizar este mapeamento é preciso inserir-se na sociedade do indivíduo e lá observar tudo o que acontece buscando os significados a partir da visão do pesquisado.

Sendo assim, o método etnográfico foi realizado com a comunidade do

¹ In: NORA, Paula e BUGEN, Bianca (orgs.). **Diálogos**. Caxias do Sul: Lotigraf, 2008.

² Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul – UCS. Bacharel em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Endereço eletrônico: rita.michelin@gmail.com

Projeto Cultural Caminhos de Pedra, que se localiza no Distrito de São Pedro (zona rural do município de Bento Gonçalves – RS), buscando compreender e interpretar, a partir da visão dos moradores locais, como é para eles a sua italianidade a partir do Projeto. Buscando realizar a etnografia e observação participante com maior eficácia residi no Distrito de São Pedro durante parte do período de realização da pesquisa.

Buscando compreender o processo de reconstrução da etnicidade inicia-se a pesquisa através de uma revisão do entendimento acerca de cultura e etnicidade para analisar, sob essa perspectiva, o Projeto Cultural Caminhos de Pedra.

Cultura e Antropologia

Ao estudar a etnicidade de uma comunidade é preciso observar as contribuições de teóricos de diferenciadas áreas, principalmente da Antropologia. Segundo Laplantine (1999, p.16) “[...] a Antropologia não é senão um certo olhar, um certo enfoque que consiste em: *o estudo do homem por inteiro*; o estudo do homem em *todas* as sociedades, sob *todas* as latitudes em *todos* os seus estados e em *todas* as épocas”.

Em fins do século XIX e início do século XX haviam correntes que entendiam que a cultura de cada sociedade dependia de fatores naturais, como por exemplo, o clima e a situação geográfica. Dizia-se que as sociedades que vivessem em climas e situações geográficas diferenciadas possuiriam culturas distintas, já aquelas que vivessem em climas e situações geográficas semelhantes teriam os mesmos traços culturais.

[...] a idéia de que o homem é um ‘produto do meio’ foi, durante algum tempo, a explicação que alguns geógrafos e antropólogos utilizavam, não só para explicar a variedade de culturas, mas também para hierarquizá-las, isto é, classificá-las em mais ou menos desenvolvidas (SANTOS, 2005, p.27)

Esta linha de pensamento conhecida como *determinismo geográfico*, desenvolveu-se com base nas explicações formuladas por Pollio, Ibn Khaldun, Bodin e outros (LARAIA, 2004). Entretanto, a partir de 1920 esta corrente de pensamento é superada por antropólogos como Boas, Wissler, Kroeber, entre outros, demonstrando que existem diferenciadas culturas em um mesmo ambiente físico.

Então, de acordo com Laraia (2004, p.24), baseado em Sahlins (1976),

A posição da moderna antropologia é que a “cultura age seletivamente”, e não casualmente sobre seu meio ambiente, explorando determinadas possibilidades e limites ao desenvolvimento, para o qual as forças decisivas estão na própria cultura e na história da cultura.

Percebe-se, através desta posição da Antropologia, que a cultura independe das condições climáticas e geográficas e que esta é um resultado do processo histórico de cada sociedade, sendo entendida a cultura como um constante processo de reconstrução.

Na busca de uma explicação da origem da cultura, o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss “[...] considera que a cultura surgiu no momento em que o homem convencionou, a primeira regra, a primeira norma” (LARAIA, 2004, p.54). Já o antropólogo norte-americano Leslie White “[...] considera que a passagem do estado animal para o humano ocorreu quando o cérebro do homem foi capaz de gerar símbolos” (*Ibid*, p.55), ou seja, a cultura, de acordo com este antropólogo teria origem a partir do uso de símbolos.

Tylor (1871, *apud* LARAIA, 2004, p.25) foi o primeiro a definir o conceito de cultura como o “[...] todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. Para Geertz (1978, p.14), essa definição de Tylor chega “[...] ao ponto em que confunde muito mais do que esclarece” devido a sua amplitude.

Laraia (2004, p.36) apresenta também a visão de Franz Boas que “[...] definiu o particularismo histórico (ou a chamada Escola Cultural Americana), segundo a qual cada cultura segue seus próprios caminhos em função dos diferentes eventos históricos que enfrentou”. Percebe-se nessa já uma visão da cultura como sendo um processo dinâmico.

Mesmo após apresentar e discutir as definições e idéias dos citados antropólogos o também antropólogo Laraia (2004) diz que ainda hoje não há uma compreensão exata do conceito de cultura. Laplantine (1999, p.120) apresenta uma definição antropológica:

A cultura é o conjunto de comportamentos, saberes e saber-fazer característicos de um grupo humano ou de uma sociedade dada, sendo essas atividades *adquiridas* através de um processo de aprendizagem e *transmitidas* ao conjunto de seus membros

Segundo Santos (2005, p.34), “[...] a cultura é a exclusividade humana

inclusive porque através dela nós transformamos o que nos é dado pela natureza, uma transformação tanto no sentido do trabalho – que é uma forma material de transformação da natureza – como em termos de atribuição de significados”. Voltando a base de que a partir do momento que algo passa a ter um significado para uma sociedade esse torna-se parte da sua cultura.

Nesse ponto, vale lembrar que a cultura é dinâmica e sofre constantes mudanças. De acordo com Laraia (2004, p.96), dois tipos básicos dessas mudanças culturais são: “uma, que é resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda, que é resultado do contato de um sistema cultural com outro”. Burns (2002, p.127) apresenta dois processos que induzem a transferência cultural: “*interno*, pela evolução através de invenção, guiada por necessidades ou pelo capitalismo; e *externo*, por mudanças forçadas por influências econômicas, políticas, ambientais e culturais externas”.

Para Geertz (1978, p.15), a cultura não se trata de um conjunto de padrões de comportamento. Para ele a cultura é composta por teias de significados das relações e a sua análise assumindo “[...] a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”. Na antropologia, utiliza-se muito o método etnográfico nas pesquisas de campo, dessa maneira o etnógrafo passa a fazer parte da cultura estudada para assim poder interpretar e analisar as teias de relacionamentos e seus significados.

Ortiz (2000) aborda a mundialização da cultura, que através da globalização o processo de reconstrução cultural torna-se cada vez mais amplo, sofrendo influências de todas as partes do mundo, seja através dos meios de comunicação, da interação entre os sujeitos, do turismo, dentre outros. São mudanças resultantes do sistema cultural e sua dinamicidade.

Os exemplos do cinema, da publicidade, da indústria fonográfica, da televisão e do rádio são significativos na medida em que indicam a existência de uma malha imprescindível para a mobilidade cultural. A circulação, princípio estruturante da modernidade, se realiza no seu interior (ORTIZ, 2000, p.58).

Por meio dos processos de globalização, traços culturais da modernidade passam a ser comuns a diferentes culturas, conduzindo a fragmentação identitária. Entretanto, esses traços não descaracterizam uma cultura e, sim, passam a fazer parte desta, tornando-se característicos. A mundialização da cultura pode ser

comparada ao processo externo de transferência cultural apresentado por Burns (2002).

Sendo assim, as mudanças culturais, conforme apresentado por Laraia (2004), e a mundialização da cultura, abordada por Ortiz (2000), são fatores que interferem e influenciam no constante e dinâmico processo de reconstrução das culturas. Todavia, não se pode dizer que essas interferências externas são de todo negativas, pois por ser dinâmica a cultura constantemente estará recebendo influências exteriores. E através destas influências é que a etnicidade de um grupo se evidencia, por meio dos sinais diacríticos.

Etnicidade

A etnicidade está no contexto da identidade de uma comunidade. Onde os indivíduos buscam os sinais diacríticos de sua identidade, reconstruindo-os e renovando-os de acordo com o contato com o outro e, assim, valorizando a sua etnicidade a partir das diferenças, dos seus sinais diacríticos. Segundo Barth (1998), a etnicidade se define nas fronteiras, ou seja, quando há o contato entre dois grupos diferenciados, as fronteiras destes definem a sua etnicidade por meio das diferenças. Dentro de um grupo o conteúdo, os traços culturais, podem se modificar, todavia a etnicidade continua a mesma, sendo percebida através dos sinais diacríticos das fronteiras.

De acordo com Grünewald (2004), Nelson Graburn percebe a etnicidade como a construção identitária onde se tem a comunicação como um dos acessos ao outro. Ainda interpretando este autor, Grünewald (2004) afirma que uma identidade pode buscar renovar as tradições de acordo com um período anterior de uma cultura, ou mesmo buscando traços culturais distintos. Segundo Graburn (*apud* GRÜNEWALD, 2004, p.02), símbolos identitários não precisam ser originais de uma cultura, eles podem ser trocados, emprestados e até roubados

De fato, seria difícil selecionar qualquer cultura ou subgrupo cujos símbolos culturais fossem totalmente de sua própria criação ou de sua própria história. Além disso, tais identidades 'emprestadas' são frequentemente úteis ou funcionais num mundo onde velhos grupos são degradados ou novas categorias e etnicidades estão sendo criadas.

Desta forma, percebe-se a dinamicidade do processo de reconstrução

cultural, durante este uma cultura pode absorver traços diferenciados de outras culturas passando a serem característicos também da cultura que os absorveu. Além disso, o que define a identidade de determinado símbolo transplantado de uma cultura para outra é o significados que lhe é deferido

Quando se copia uma manifestação cultural se copia o signo, não o significado. Descobrir isso é um processo de interpretação permanente. Toda interpretação é uma interpretação, uma leitura sempre sujeita a re-exame, a reformulação, quer dizer, a leitura do significado é sempre um processo em aberto. (POZENATO, 1990, p. 13).

Seguindo esta linha de pensamento, a etnicidade deriva da origem comum que gera vários traços culturais formando assim uma identidade que passa a ser vivenciada como real em determinado momento, pois com o passar do tempo novos traços culturais vão sendo absorvidos e estes passam a fazer parte desta etnicidade tornando-se a herança cultural de um grupo. A etnicidade determina

[...] um tipo particular de grau social que se alimenta de características distintas e de oposições de estilos de vida, utilizadas para avaliar a honra e o prestígio segundo um sistema de divisões sociais verticais. Mas essas características distintivas só têm eficácia na formação dos grupos étnicos quando induzem a crer que existe, entre os grupos que existem, um parentesco ou uma estranheza de origem (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998, p.38).

Então esta relação de alteridade entre grupos diferenciados que faz com que uma comunidade passe a valorizar a sua etnicidade tornando esta em um diferencial, buscando reconstruí-la ou renová-la. Conforme Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p.124), “[...] a etnicidade não se manifesta nas condições de isolamento, é, ao contrário, a intensificação das interações características do mundo moderno e do universo urbano que torna salientes as identidades étnicas”. Ou seja, é através das diferenças culturais e do contato com o outro que a etnicidade se evidencia. Quando há uma comunicação entre diferentes culturas, a identidade étnica se define.

A etnicidade não é vazia de conteúdo cultural (os grupos encontram ‘cabides’ nos quais pendurá-la), mas ela nunca é também a simples expressão de uma cultura já pronta. Ela implica sempre um processo de seleção de traços culturais dos quais os atores se apoderam para transformá-los em critérios de consignação ou de identificação com um grupo étnico (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998, p.129).

Seguindo a base apresentada por Poutignat e Streiff-Fenart acerca da etnicidade, tem-se que esta, assim como a cultura, é dinâmica, estando em constante reconstrução. De acordo com Santos e Barretto (2006), anteriormente

este fenômeno era conhecido como aculturação, no qual os traços culturais de outros grupos eram absorvidos por determinado grupo. Atualmente trabalha-se com a idéia de hibridismo uma vez que, quando uma cultura absorve traços de outra cultura, essa cultura sofre alterações não sendo mais a mesma, entretanto, continua sendo percebida como cultura, na qual esse novo traço cultural faz parte, passando a ser característico dela. Através do termo hibridismo fica implícita “[...] uma concepção dinâmica e processual de cultura, já não mais concebida como sistema fechado” (SANTOS e BARRETTO, 2006, p.246). Conforme Canclini (2003, p.XXI) “a construção lingüística (Bakhtin; Bhabha) e a social (Friedman; Hall; Papastergiadis) do conceito de hibridação serviu para sair dos discursos biológicos e essencialistas da identidade, da autenticidade e da pureza cultural”.

O processo de seleção dos traços culturais da etnicidade que irão se transformar nos critérios de identificação de um grupo ocorre de acordo com cada grupo cultural, conforme Rodrigo Grunewald apresenta em suas pesquisas entre os índios Pataxó e os Potiguara, de Coroa Vermelha na Bahia, a forma que esses reconstruíram a sua cultura voltado ao turismo. Os índios não querem integrar-se totalmente ao desenvolvimento regional, tendo a necessidade de reforçarem a sua *indianidade*, nesse ponto o turismo surge como uma forma de reforço. O autor demonstra como os índios buscaram a renovação e o fortalecimento da sua identidade étnica produzindo uma cultura diante do contexto turístico essa “é uma cultura que não obedece mais a lógicas ancestrais e relativas aos mitos de origem ou coisa parecida [...]” ela recebe influências de uma “[...] dinâmica pós-moderna, globalizada, informada por fluxos translocais de cultura [...]” (GRÜNEWALD, 2004, p.17) sendo organizada de acordo com contextos específicos.

Assim como ocorre com os índios Pataxó, pode-se dar como exemplo a italianidade, ou seja, a reconstrução da etnicidade italiana gerada pelo contato entre diferentes grupos culturais, sendo uma forma de reconstrução cultural. Neste artigo será analisado o processo de reconstrução da etnicidade dos moradores do Distrito de São Pedro na Serra Gaúcha, no qual se percebe a valorização da etnia italiana, ou seja, da sua italianidade. “Essa cultura à qual diz respeito à leitura que imigrantes fazem hoje do passado. Elegem no passado os pilares que dão sustentação para o ideal de cultura italiana, que corresponda às aspirações atuais, ‘modernas’, do que é ser italiano” (SAVOLDI, 2001, p.90).

O mesmo que Rodrigo Grunewald apresenta sobre os índios Pataxó pode

ocorrer com outras comunidades. O autor lembra que seria incorreto pensar que irá encontrar os índios, atualmente, vivendo da mesma maneira que os índios da época do descobrimento. Assim como é equivocado acreditar que vai encontrar as pequenas comunidades coloniais da mesma forma que as encontraria no século XIX, quando da chegada dos imigrantes italianos ao Rio Grande do Sul.

Seguindo a idéia de Grunewald, a reconstrução da etnicidade não é necessariamente negativa, pois contribui para restaurar traços culturais que estavam se perdendo. Esta reconstrução contribui para a valorização da etnicidade e da identidade de um grupo. No entanto, essas não são reconstruídas da mesma forma que ocorria em gerações passadas, pois há uma transformação, um contato com outras culturas e a absorção de traços diferenciados, formando assim determinada etnicidade que não deixa de ser original, mas também, não se trata de uma etnicidade totalmente nova.

No caso a ser estudado, o Projeto Cultural Caminhos de Pedra, muitos traços culturais dos primeiros imigrantes italianos chegados ao Rio Grande do Sul foram se alterando com o passar do tempo. Entretanto, isso não significa que os descendentes dos imigrantes italianos perderam a sua etnicidade. Mesmo absorvendo outros traços culturais mantém traços étnicos particulares.

O realce da identidade étnica exprime-se, assim, inicialmente através de um rótulo étnico entre outros meios possíveis de identificação das pessoas. É apenas depois de ter selecionado esse rótulo [...] que os comportamentos, as pessoas, os traços culturais que eles designam surgem quase naturalmente como “étnicos” (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998, p.129).

A identidade étnica de um grupo se forma pela comunicação com diferentes grupos e pela absorção de traços culturais diferenciados, sendo assim dinâmica e estando em constante reconstrução. Estudos que levam em consideração os processos de hibridação nos dão conta de que

[...] não é possível falar das identidades como se se tratasse apenas de um conjunto de traços fixos, nem afirmá-las como a essência de uma etnia ou de uma nação. A história dos movimentos identitários revela uma série de operações de seleção de elementos de diferentes épocas articulados pelos grupos hegemônicos em um relato que lhes dá coerência, dramaticidade e eloquência (CANCLINI, 2003, p.XXIII).

Outro fator que contribui para a reconstrução de uma identidade é o sentimento de pertencimento a uma determinada cultura. Este sentimento contribui para que o sujeito busque traços desta cultura, podendo ser por meio da sua etnia,

passando a fazer parte da sua identidade cultural. Sendo assim, a identidade permanece em um constante processo de formação “[...] os processos inconscientes não podem ser facilmente vistos ou examinados” (HALL, 2004, p.39).

Além disso, a identidade, assim como a etnicidade, é relacional, ela depende de influências externas para ser tal identidade, ou seja, ela precisa de outra identidade para se diferenciar. “A identidade é, assim, marcada pela diferença” (WOODWARD, 2000, p.09).

As formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais para compreender as identidades. A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, freqüentemente na forma de oposições [...]. A marcação da diferença é, assim, o componente-chave em qualquer sistema de classificação (*Ibid*, p. 41).

É também, a partir das diferenças que se reconstrói a identidade étnica. Por meio da comunicação das diferenças é que se estabelecem fronteiras étnicas.

[...] dentro desses fatores que interferem nas mudanças culturais, na questão das trocas entre culturas, não vamos encontrar maiores dificuldades de compreensão, nem traumas culturais, porque esse processo se faz dentro de uma dinâmica em que os significados vão sendo reconstruídos, na medida em que os elementos vão sendo tomados de empréstimo (POZENATO, 2003, p.33).

De acordo com Potignat e Streiff-Fenart (1998, p.156), “um grupo pode adotar os traços culturais de um outro, como a língua e a religião, e, contudo continuar a ser percebido e a perceber-se como distinto”, pois os traços que estes adotarem de outro grupo podem ser os mesmos, no entanto, podem a esses ser atribuídos significados diferenciados do que se tinha no grupo anterior. Sendo a identidade étnica realçada por meio de um rótulo étnico como forma de identificação “é apenas depois de ter selecionado esse rótulo (depois que a etnicidade foi realçada pelo procedimento mesmo de sua seleção) que os comportamentos, as pessoas, os traços culturais que eles designam surgem quase naturalmente como ‘étnicos’” (*Ibid*, p.167).

Portanto, uma das tarefas da pesquisa de mestrado, na qual se fundamenta este artigo, foi identificar de que forma ocorreu o processo de reconstrução da etnicidade da comunidade do Distrito de São Pedro através do Projeto Cultural Caminhos de Pedra. Para este objetivo utilizei a descrição etnográfica e a análise da etnicidade por meio do contato e observação participante com a comunidade local.

Bento Gonçalves – RS

Bento Gonçalves se localiza na Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul, Serra Gaúcha, distante 109 km da capital Porto Alegre. Está a 618 metros de altitude. Possui população estimada de 102.452 habitantes (IBGE, 2005). Cidade cuja história esta ligada à imigração italiana e é veiculada, atualmente, como a Capital Brasileira da Uva e do Vinho³, sendo a etnicidade italiana predominante no município.

Segundo Frosi e Mioranza (1975) as Colônias com os nomes de Dona Isabel (Bento Gonçalves) e Conde D'Eu (Garibaldi) em homenagem a filha de D. Pedro II e seu consorte, foram fundadas em 1870. Entretanto, somente a partir de 1875 é que começaram a receber contingentes de imigrantes italianos. Após a queda do Império, em 1892 a Colônia de Dona Isabel, que antes era conhecida como Região da Cruzinha, devido a uma cruz rústica, cravada sobre a sepultura de um possível tropeiro ou traçador de lotes coloniais, passou a se chamar Bento Gonçalves, em homenagem ao General Bento Gonçalves da Silva que foi presidente da República do Piratini proclamada em 1835 pelos Farrapos.

Chegando ao Rio Grande do Sul os colonizadores italianos conviviam

[...] apenas entre si, os colonos reconstruíram seu mundo cultural – com as adaptações necessárias – que, ao observador menos precavido, parecia um prolongamento da Itália: língua, costumes, trajes, comidas, religiosidade, tudo enfim tinha um cunho nitidamente italiano e contrastava com qualquer modo brasileiro ou português de vida. E nem mesmo seria possível de outra forma, devido ao isolamento cultural em que se encontravam. De quem aprenderiam o português? Quais seriam os costumes brasileiros que deveriam integrar-se na nova vida? Quem lhes transmitiria a religiosidade popular da campanha? Por trás desta italianidade – que muitos quiseram preservar como sinal de cultura superior – escondiam-se, porém, os primeiros esboços de uma nova forma de ser brasileiro: o imigrante viera para o Brasil após uma amarga experiência em sua terra natal que, rapidamente, foi sendo esquecida e, por repetidas vezes, até mesmo desprezada (BONI e COSTA, 1984, p.84).

Com o passar dos tempos essa italianidade tão valorizada logo na chegada a terra nova foi perdendo um pouco de sua importância e foi sendo gradualmente esquecida, passando até mesmo a ser considerada motivo de vergonha para alguns. No entanto, atualmente, busca-se por meio de um processo de reconstrução da etnicidade recuperar essa italianidade, sua identidade cultural, buscando-se agregar

³ Informações obtidas através do site do município www.bentogoncalves.rs.gov.br acesso em 20 de Junho de 2007.

valor à mesma.

O caso do Projeto Cultural Caminhos de Pedra

Com a construção da rodovia RS 453, na década de 1970, ligando os municípios de Bento Gonçalves, Farroupilha e Caxias do Sul, o fluxo que antes passava pela Estrada Julio de Castilhos, no Distrito de São Pedro, foi todo desviado para a nova RS, pois essa é asfaltada diferente daquela que é de chão batido. Para os moradores da Linha Palmeiro⁴ ao longo da Estrada Julio de Castilhos a construção da RS 453 não foi bem vista, pois com o desvio do fluxo houve uma baixa na renda dos moradores que acabaram ficando “parados no tempo”.

Então, no final da década de 1980 deu-se início a um levantamento do acervo arquitetônico do interior do Município de Bento Gonçalves. Através deste levantamento, realizado em 1987, constatou-se que o Distrito de São Pedro era o que possuía o maior número de casas antigas que ainda conservavam traços da cultura e da história dos imigrantes italianos, além de ser de fácil acesso. A partir deste levantamento deu-se início a elaboração do Projeto Cultural Caminhos de Pedra que tinha por objetivo o resgate da herança cultural dos moradores da Linha Palmeiro no Distrito de São Pedro. Esse projeto inicial foi desenvolvido por um arquiteto que residia no município de Bento Gonçalves.

De acordo com a Associação dos Caminhos de Pedra, juntando esses fatores os idealizadores do projeto perceberam o potencial da localidade e a necessidade de preservar tamanho acervo material, para que não fosse abandonado ou destruído. Então, por meio de recursos da iniciativa privada, algumas casas que estavam se degradando com o tempo e ficando descaracterizadas começaram a serem restauradas para abrirem à visitação.

O projeto intitulado *Caminhos de Pedra – Projeto de Resgate da Herança Cultural* elaborado pelo arquiteto Julio Posenato no ano de 1998 apresentava como objetivo a educação da comunidade para o resgate e a valorização da história e do patrimônio cultural local. Pelo fato de que, conforme relatado no projeto (POSENATO, 1998, p.04), a população local tinha vergonha pela sua herança

⁴ Localizada no interior do Município de Bento Gonçalves, no Distrito de São Pedro, na Serra Gaúcha.

cultural, pelo seu sotaque de “gringo”⁵, além da vergonha pelas suas “casas de colono”⁶. Para os moradores do Distrito de São Pedro, ter uma casa antiga era sinônimo de pobreza e de não ter acompanhado o progresso como os vizinhos mais abonados. Então, quando possível derrubavam ou reformavam as casas antigas buscando dar características de moderna as mesmas.

Percebe-se que o projeto reconhece o valor da herança cultural e do patrimônio da comunidade de São Pedro que já estava sendo abandonado por motivo de vergonha e também pelo processo de modernização e transformação cultural. Nesse ponto tem-se o turismo como um aliado, pois a atividade turística contribui para a comunicação entre diferentes grupos incentivando a valorização à herança cultural e a etnicidade através do reconhecimento dos sinais diacríticos de cada cultura.

De acordo com Julio Posenato (1998), a conservação da herança cultural deveria proporcionar renda à comunidade local e ser valorizada pelo público externo, para que assim os visitados também valorizassem o seu patrimônio. Sendo assim, o projeto visa o turismo rural com o intuito de desencadear o reconhecimento dos valores culturais “italo-brasileiros” sendo a forma de proporcionar suporte viável para que o objetivo básico do projeto fosse alcançado. No projeto é apresentado que

o visitante retrocede ao antigo ambiente colonial onde encontra, exatamente como naquela época, as moradias peculiares de pedra e madeira com até quatro pavimentos; ermidas nos caminhos e capela com o campanário separado, característicos da Itália; a cantina com fabricação caseira de vinhos; os estabelecimentos da proto-indústria movida a roda d'água: moinho, ferraria, serraria; produtos autênticos de artesanato e culinária (POSENATO, 1998, p. 08)

Entendo que o visitante não encontrará “exatamente como naquela época”, isso porque os moradores locais tinham a herança cultural como sinônimo de vergonha, e também pelo processo de modernização, que levou muitos residentes a modificarem suas moradias. Através do Projeto Cultural Caminhos de Pedra as casas foram restauradas, entretanto não se pode dizer que são exatamente como eram. A etnicidade dos moradores locais, assim como suas residências, também foi reconstruída buscando a valorização da sua herança cultural.

O projeto ainda chama atenção para o fato da “arquitetura aculturada”

⁵ É a forma com chamam o sotaque diferenciado que os descendentes de italianos apresentam com dificuldade na pronuncia de algumas palavras em português.

⁶ Casas com características arquitetônicas diferenciadas construídas pelos primeiros imigrantes do Rio Grande do Sul.

(POSENATO, 1998, p.21). Essa arquitetura se refere aos casarões em madeira, o que não acontecia na Itália. Lá as construções eram de alvenaria, mas chegando ao Rio Grande do Sul, os imigrantes, com a grande quantidade de madeira disponível, recorreram a ela para erguer as suas moradias, seguindo as características arquitetônicas italianas, mas alterando a matéria prima da construção.

Segundo Posenato (1998, p.93) “a busca de formação de uma identidade própria é constante em qualquer grupo, todo e qualquer auxílio a ser dado necessita entender o princípio da não-intervenção, mas compreensão de suas peculiaridades”, então as peculiaridades da etnicidade contribuem para a construção da identidade, a partir do momento que aquelas se tornam diacríticas para um determinado grupo identificando-o, colaborando para a valorização tanto da sua etnicidade quanto da sua identidade.

Pelo sucesso do projeto refletido no roteiro em 10 de Julho de 1997, com assessoria do Sebrae, fundou-se a Associação Caminhos de Pedra visando auxiliar na reconstrução do patrimônio cultural da localidade, tanto no aspecto arquitetônico como das tradições e da língua (o dialeto *talian* ainda muito utilizado por parte dos moradores). No ano de 1998 o Projeto Cultural Caminhos de Pedra passou a contar com a Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul (Lei 10.846 de 19/08/1996), através de aprovação pelo Conselho Estadual de Cultura, passando a captar recursos de empresas locais.

Então, por meio do Projeto Cultural Caminhos de Pedra, os moradores do Distrito de São Pedro foram incentivados a reconstruírem a sua etnicidade valorizando alguns traços de suas tradições, com objetivo de compartilhar estas com os visitantes.

Considerações finais

A etnicidade é um dos traços da cultura de determinado grupo e como todo traço cultural pode sofrer variações devido a influências culturais, tanto internas quanto externas. Essas influências ocorrem internamente na própria comunidade ou externamente através do contato com o outro e sua cultura diferenciada. Mesmo recebendo essas influências nenhuma etnicidade deixa de ser característica da cultura de determinado grupo, o que ocorre é a agregação de novos traços culturais gerados pelas trocas existentes, conforme apresentado na questão do hibridismo

cultural apresentada por Canclini (2003) e Santos e Barretto (2006). Percebe-se assim a dinamicidade tanto da etnicidade quanto da cultura, e que ambas encontram-se em constante reconstrução.

Ocorre que muitas comunidades acabam reprimindo a sua etnicidade devido a determinados fatores como a modernização e até mesmo pela globalização que levam a repensarem as suas formas de viver. No caso apresentado nesse artigo da comunidade do Distrito de São Pedro, percebe-se que se não houvesse o Projeto Cultural Caminhos de Pedra a etnicidade italiana estaria se perdendo cada vez mais, pois as questões ligadas a italianidade estavam sendo vistas como motivo de vergonha pelos moradores, passando a partir do Projeto Cultural a serem entendidas como motivo de orgulho. Questões essas que foram reconstruídas com a população local por meio da sensibilização acerca da importância que a herança cultural italiana tem na Serra Gaúcha e de que essa precisava ser resgatada em alguns lugares que estava se perdendo.

Tratando da questão da dinamicidade tanto da cultura quanto da etnicidade das populações vale lembrar que, por esse motivo, pode-se considerar o atual como autêntico. Sendo que a italianidade na cultura da comunidade do Distrito de São Pedro do século XXI deve ser considerada autêntica, pois é a união da etnicidade herdada dos primeiros imigrantes italianos chegados ao Rio Grande do Sul com traços culturais da modernidade que constroem a cultura local desta comunidade nos dias de hoje, a cultura que eles vivenciam.

Sendo assim, o Projeto Cultural Caminhos de Pedra contribuiu para a reconstrução da italianidade do grupo em questão, pois trouxe alternativas para a preservação da cultura local, demonstrando aos moradores locais a importância da sua cultura fundamentada na italianidade, sendo esta valorizada pelos visitantes e principalmente pelos próprios moradores detentores de tamanho patrimônio cultural tanto material quanto imaterial.

Referências bibliográficas

BANDUCCI, Álvaro Jr. Turismo e Antropologia no Brasil: estudo preliminar. *In*: BANDUCCI, Álvaro Jr., BARRETTO, Margarita (orgs). **Turismo e identidade local: Uma visão antropológica**. Campinas: Papirus, 2001.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. *In*: POUTIGNAT, Philippe e

STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade** seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Traduzido por: Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BONI, Luis de; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. 3 ed. Caxias do Sul: Correio Riograndense, 1984.

BURNS, Peter M. **Turismo e antropologia: uma introdução**. Traduzido por: Dayse Batista. São Paulo: Chronos, 2002. Tradução de: An introduction to tourism & anthropology.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. Traduzido por: Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4.ed.. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

FROSI, Vitalina Maria e MIORANZA, Ciro. **Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul: Processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira**. Caxias do Sul: Editora Movimento, 1975.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Traduzido por: Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. Tradução de: The interpretation of cultures.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GRÜNEWALD, Rodrigo de A. **Turismo, cultura e identidade étnica**. 24ª Reunião Brasileira de Antropologia, Olinda – PE. 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Traduzido por: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 9.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LARAIA, Roque de B. **Cultura: um conceito antropológico**. 17.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. Traduzido por: Marie-Agnès Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MALINOWSKI, Bronislaw K. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. Traduzido por: Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade** seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Traduzido por: Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

POSENATO, Julio. **Caminhos de Pedra – Projeto de Resgate da Herança Cultural**. Bento Gonçalves, 1998.

POZENATO, José Clemente. **Processos culturais na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 1990.

_____. **Processos Culturais**: reflexões sobre a dinâmica cultural. Caxias do Sul: Educs, 2003.

SANTOS, Rafael J. dos. **Antropologia para quem não vai ser antropólogo**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2005.

SANTOS, Rafael J. e BARRETTO, Margarita. Aculturação, Impactos Culturais, Processos de Híbridação: uma revisão conceitual dos estudos antropológicos do turismo. *In*: **Turismo Em Análise**. Vol.17. n.2. p 244-261. São Paulo: Aleph. 2006.

SAVOLDI, Adiles. A Reconstrução da Italianidade no Sul do Estado de Santa Catarina. *In*: BANDUCCI, Álvaro e BARRETTO, Margarita (orgs). **Turismo e identidade local**: uma visão antropológica. Campinas, SP: Papirus, 2001.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz T. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.